
EVANDRO CHAGAS E AS GRANDES ENDEMIAS ¹

Este ano de 2005, em que a Sociedade Brasileira de Parasitologia realiza seu 19º Congresso, coincide com o centenário de nascimento de Evandro Chagas. Seu prematuro desaparecimento aos 35 anos de idade deixou a meio caminho um programa de vida raras vezes igualado em nosso país.

Uma característica de sua personalidade foi a precocidade intelectual. Ingressando na Universidade antes de completar 16 anos, recebeu o diploma de médico aos 21. Seu domínio do idioma inglês fez dele, quando ainda primeiranista da Faculdade, o intérprete natural de seu pai, o grande Carlos Chagas, cujas conferências apresentou perante os auditórios científicos dos Estados Unidos. Nessa viagem, de grande significado para sua formação profissional, participou dos estudos feitos por Chagas sobre a estrutura sanitária e as organizações de profilaxia rural de dez Estados americanos. Exprimindo-se também fluentemente em alemão, foi mais uma vez, quando cursava o 5.º ano, o locutor de Chagas nas conferências em Hamburgo e Berlim, além de estudar aspectos gerais de patologia cardíaca e patologia infecciosa em renomadas instituições alemãs e francesas. A autoconfiança que o fazia, ainda adolescente, dirigir-se com naturalidade a auditórios tão veneráveis como a Academia Nacional de Medicina de Berlim foi outro traço marcante de seu caráter. Graças a esses atributos, assumiu no mesmo ano de sua formatura a responsabilidade pela campanha antimalárica nas obras de construção da rodovia Rio–Petrópolis, no terrificante império da malária que era nessa época a Baixada Fluminense, tarefa cumprida com pleno sucesso apesar da deficiência dos meios de que dispunha.

Sua carreira científica foi toda ela realizada no Instituto Oswaldo Cruz, inicialmente sob a orientação imediata de Carlos Chagas e Eurico Vilela. Durante o curso médico foi interno do Hospital de Doenças Tropicais e Infecciosas, hoje Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas, fez o curso de aplicação do Instituto Oswaldo Cruz e após a formatura passou a assistente voluntário. Dois anos depois foi contratado como adjunto de assistente, e daí a mais dois anos, em 1930, foi nomeado chefe de Laboratório do Instituto, exercendo esses cargos sempre no Hospital.

¹ Conferência Inaugural do XIX Congresso Brasileiro de Parasitologia, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1.º a 4 de novembro de 2005.

Paralelamente desenvolveu atividade docente na Universidade do Brasil, como assistente da cadeira de Clínica Médica Propedêutica, depois como assistente da cadeira de Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas. Sua tese de concurso à livre-docência, versando a forma cardíaca da tripanossomíase americana, contribuiu com acréscimos e ampliações ao legado original de Carlos Chagas. Foi também livre-docente e professor de Doenças Tropicais e Infecciosas da Escola de Medicina e Cirurgia. Após a morte de Carlos Chagas, candidatou-se à cátedra, no seu dever de colaborador direto e natural continuador da obra paterna. Apesar da bagagem científica alicerçada na investigação percuciente, da inata capacidade didática, da elevada reputação expressa nos títulos já conquistados e da inteligência privilegiada, fatores adversos frustraram tão legítima aspiração.

Como pesquisador de doenças parasitárias e infecciosas nunca se limitou ao cômodo isolamento dentro do laboratório. Sua vocação para a abordagem global dos problemas pelos quais se interessava levava-o a buscar entender, na enfermaria, a manifestação no hospedeiro natural dos processos que a experimentação laboratorial esmiuçava, e no campo a dinâmica da entidade mórbida em sua integração no ecossistema. Ainda estudante, já percorria o Triângulo Mineiro e a região do Rio das Velhas em investigações clínicas e epidemiológicas sobre a doença de Chagas, e no Vale do Rio São Francisco estudava a malária e tentava encontrar a tripanossomíase. Esse fascínio pelo trabalho de campo, fonte inesgotável e insubstituível de inspiração para quem se dedica ao estudo da parasitologia e das doenças infecciosas, foi durante sua curta vida a mola propulsora de muitas de suas atividades.

Sua vocação clínica, cultivada por meio do contato diuturno com os pacientes dos hospitais de Manguinhos e São Francisco de Assis e do estudo aprofundado de seus problemas nosológicos, aliado às experiências de laboratório, fez dele um grande conhecedor da patologia cardiovascular. Quase metade dos trabalhos que publicou trata dessa patologia, induzida ou não por doenças infecciosas, entre as quais em primeiro lugar a tripanossomíase e em menor frequência a febre tifóide (inclusive seu caso clínico pessoal), a febre amarela e a malária. Mas o encontro com sua própria natureza, que não era somente perquiridora mas também audaz e aventureira, parece-me ter ocorrido ao defrontar-se com o problema da leishmaniose visceral americana.

Os quatro casos de calazar assinalados no Paraguai e na Argentina antes de 1934 foram considerados ou como importados do Mediterrâneo ou como casos autóctones de doença recentemente introduzida no Continente. Até 1934 o Serviço de Febre Amarela da Fundação Rockefeller tinha acumulado 47.000 peças de fígado obtidas por viscerotomia em cadáveres de indivíduos que haviam apresentado sintomas suspeitos de febre amarela. Um reexame desse material por Henrique Penna, com vistas à identificação de casos de leishmaniose visceral, resultou no encontro de 41 positivos, distribuídos pelas regiões Norte e Nordeste do país. Imediatamente foram feitos entendimentos entre a Fundação Rockefeller e o Instituto Oswaldo Cruz para a realização de pesquisas nas áreas indicadas. Designado para

essa missão, Evandro Chagas, cujo interesse pelo problema era evidente desde que soube dos primeiros resultados, dirigiu-se ao Ceará e a Sergipe, onde haviam sido assinalados maiores números de casos, encontrando em Aracaju o primeiro indivíduo vivo com leishmaniose visceral no Brasil. A mãe desse paciente havia morrido de calazar, e também uma irmã, cujo fragmento de fígado colhido por viscerotomia orientou o encontro do irmão doente.

Logo em seguida foi criada uma comissão de pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz para investigar a doença nos seus aspectos principais. Além de Evandro Chagas, essa primeira comissão era composta por Aristides Marques da Cunha, Gustavo de Oliveira Castro e Leoberto Castro Ferreira, cujo relatório publicado em 1937 expõe os resultados obtidos em relação ao parasito, aos casos clínicos, aos processos patogênicos e à epidemiologia, e observações sobre o clima, a flora e a fauna dos focos estudados. Esse trabalho estendeu-se às regiões amazônica (Pará e Maranhão), do Nordeste (Piauí, Ceará, Pernambuco, Alagoas e Sergipe) e do Planalto Baiano. Juntamente com Cecílio Romãna investigou Evandro Chagas o foco descoberto por aquele pesquisador no Chaco Argentino em 1936.

Durante suas andanças pelos focos de calazar, Evandro tentava obter apoio de instituições e governos locais para a montagem de uma base de operações mais estável em alguma dessas regiões, pois o desenvolvimento das pesquisas era restringido pela natureza itinerante da comissão. Ele mesmo trazia no bolso, sempre pronto para uso, um equipamento sumário – agulha e material de assepsia – para punccionar baços e fígados suspeitos em situações não programadas. Ouvi contar, e por isso não posso garantir, que um dos casos positivos foi descoberto por punção esplênica num dos aeroportos do interior. Naturalmente que o Estado mais visado para a instalação dessas facilidades foi o Ceará, que aparecia, com quinze casos, em primeiro lugar na estatística da viscerotomia em 1934, e onde foram diagnosticados mais de 800 casos no período entre o início de 1953 e agosto de 1955. Quis porém o acaso que essas facilidades lhe fossem oferecidas apenas na região amazônica, onde a doença era rara e esporádica.

Em 1936 a cidade de Belém era escala obrigatória dos hidroaviões da Panair do Brasil que faziam a linha doméstica na rota do litoral e estabeleciam conexão com os vôos para os Estados Unidos. Ainda não havia vôos noturnos e o passageiro que viajasse do Rio para os Estados Unidos tinha de pernoitar no primeiro dia em Recife, no segundo em Camocim e no terceiro em Belém. Para maior conforto de seus passageiros, a Panair arrendara o melhor hotel de Belém, o Grande Hotel, com excelente serviço de bar e restaurante, tendo no andar térreo um teatro, cassino, salões de festas, e principalmente um calçadão que nas noites frescas, após os dias invariavelmente quentes, era de tempos quase imemoriais o ponto de convergência de toda a sociedade. Viajasse pela Panair ou pelos aviões da Força Aérea do Exército, que desde o início foram postos a colaborar com os trabalhos da comissão, Evandro Chagas sempre se hospedava no Grande Hotel. A mesa a que se assentasse no calçadão atraía pessoas com quem se relacionava

a cada viagem e que por sua vez traziam outras para conhecê-lo. Um dos amigos mais assíduos era Eládio Lima, brilhante advogado de 36 anos, ligado ao Museu Goeldi, que acumulava dados e belas ilustrações em cores, de sua própria autoria, para um livro em grande formato sobre os primatas da Amazônia, que finalmente foi publicado depois de sua morte, aos 43 anos, sendo desembargador do Tribunal de Justiça. Um dia trouxe consigo um irmão muito relacionado nos altos escalões da direção do Estado, que imediatamente levou ao governo a idéia de uma base de operações para o trabalho da Comissão no Pará. Recebida a sugestão com o maior interesse, foi logo enviada mensagem à Assembléia Legislativa propondo a criação de um instituto de pesquisas diretamente subordinado à Secretaria Geral do Estado. A mensagem foi transformada em lei em novembro do mesmo ano, nascendo assim o Instituto de Patologia Experimental do Norte, que é hoje o Instituto Evandro Chagas. À nova instituição foi dada a missão de estudar os problemas médico-rurais da região e orientar a profilaxia e a assistência médica, em harmonia com os serviços sanitários estaduais e federais, obedecendo obrigatoriamente à orientação técnica do Instituto Oswaldo Cruz, que forneceria os especialistas necessários à formação de pessoal e à realização das pesquisas. Foi adquirida pelo governo uma grande casa de três pavimentos no centro de amplo terreno, em área aprazível da cidade, para sede da nova instituição. Também foi posta à disposição do Instituto, para residência dos pesquisadores visitantes, uma casa grande e confortável quase fronteira ao Instituto. Para povoá-lo havia de contratar pesquisadores locais, realmente inexistentes, e aí o talento de Evandro para identificar talentos foi buscar, entre os que terminavam o curso universitário naquele ano e no próximo, nomes que hoje são conhecidos e respeitados no país, como Leônidas Deane, Gladstone Deane, Felipe Nery Guimarães, Maria Paumgarten (depois Maria Paumgarten Deane) e Benedito Sá. Além desses que foram integrados à Comissão, outros foram contratados para as demais atividades do Instituto, sendo também admitidos estudantes como estagiários. Todos eles vieram mais tarde a ocupar posições de relevo em diversas áreas, como as cátedras de Parasitologia, Medicina Tropical e Microbiologia da Universidade do Pará, e cargos de direção em instituições de saúde pública estaduais e federais. Ainda que não se tivesse avançado um passo no conhecimento da leishmaniose visceral na bacia amazônica, o papel exercido pelo Instituto foi e continua a ser da mais alta importância para a ciência e para a saúde pública brasileiras.

Os resultados dos trabalhos desenvolvidos no segundo ano pela Comissão, agora enriquecida pela inclusão de jovens componentes, foram publicados em 1938. Sente-se nas entrelinhas o conteúdo épico dessa longa jornada pela floresta amazônica. Como o trabalho em região tão peculiar era ainda exploratório, muito tempo se perdeu para o alcance da meta principal, que era o encontro de focos significativos de calazar. Iniciada a execução do projeto pelas localidades mais acessíveis ao transporte fluvial numa região desprovida de outros caminhos, foram primeiro investigadas as áreas situadas nas proximidades dos rios. Acontece, porém,

que a rede fluvial da Amazônia oriental sofre a influência diária das marés, alagando intermitentemente os terrenos ribeirinhos e impedindo o ciclo biológico dos flebótomos. Mas como então eram desconhecidos os criadouros desses insetos, que fazem a evolução larval no húmus do solo, não seria possível encontrar nessas áreas nenhum foco de calazar. Por outro lado, a escolha da cidade de Abaeté e arredores, orientada pelos dados da viscerotomia, não proporcionou melhor rendimento, apesar da existência de flebótomos em número relativamente pequeno. Depois de exaustivas pesquisas e do exame de mais de quinhentas pessoas e muitos animais com resultado negativo, foram as buscas estendidas às áreas de floresta longe dos rios, ainda seguindo os dados da viscerotomia, sendo encontrado o primeiro caso positivo no segundo dia de trabalho.

Os resultados negativos na cidade de Abaeté e arredores talvez possam ser explicados pela pequena densidade de flebótomos, associada a perturbações ocorridas na população canina. Soube-se depois que antes do início dos trabalhos houve extensa epidemia de raiva entre os cães da região, que foram praticamente exterminados pela doença ou eliminados por medida profilática e depois substituídos por outros trazidos principalmente de Belém.

Para aqueles jovens cujo treinamento havia sido feito no ambiente artificial da Faculdade, essas entradas pela floresta amazônica representavam a primeira aventura fora das comodidades do ambiente doméstico. Sob a influência da floresta, tornou-se impositivo um apelido para o chefe. Evandro era o “Tuchau”. Ninguém tinha como demonstrar receio de segui-lo em incursões perigosas por caminhos sabidamente freqüentados por animais ferozes, onças e serpentes venenosas em terra, jacarés e sursoris à beira d’água. Por duas vezes naufragou a pequena embarcação, uma delas com explosão do motor de popa que lhe queimou parte do corpo. Para encurtar tempo, as viagens entre Belém e o interior eram feitas em pequenos aviões militares, as asas remendadas com esparadrapo, dirigidas às vezes por pilotos descontraídos prontos a entrar em *loops* ao perceberem o receio de um novato a bordo.

Numa tentativa de tornar menos desconfortável o trabalho sob o calor equatorial, tentou-se indumentária semelhante à dos ingleses nos trópicos, de calças curtas. Diante da reação de alguns chefes de família zelosos pelo pudor das donzelas, os estrangeiros tiveram de voltar aos trajes clássicos. A primeira fase dos trabalhos levantou sérias suspeitas. Aqueles homens usavam entre si palavras estranhas, como tripanosoma, que era entendida “trepá nos home”. Traziam na bagagem lampiões chamados “Petromax”, que os locais entendiam “Pedro Marques”. De dia andavam perto das margens dos rios colhendo terra que era levada ao laboratório, onde à noite era peneirada e derretida à fortíssima chama do “Pedro Marques”. De manhã surgiam com pacotes em forma de paralelepípedos (eram as lâminas com esfregaços), pacotes que os meninos pediam para carregar até o lugar de embarque para Belém e achavam muito pesados. Não havia dúvida: essa gente estava extraindo ouro.

É indiscutível que o trabalho na Amazônia foi decisivo no demonstrar que ali o calazar apresenta características epidemiológicas diferentes daquelas depois verificadas no Nordeste. Além disso, o material coletado na região constitui acervo precioso para outros estudos, muitos já realizados e muitos ainda por realizar, sobre a fauna e a flora, principalmente a fauna parasitária. Várias espécies animais foram identificadas como reservatórios do *Trypanosoma cruzi*, dados importantes foram coligidos para melhor compreensão do ciclo silvestre da doença de Chagas, foram estudados tripanossomos, plasmódios e outros hemoparasitos de animais cuja importância teórica e prática é permanente, foram feitas investigações de longa duração sobre o “mal-de-cadeiras” – a tripanossomíase equina da Ilha de Marajó – para citar apenas aquelas lembranças que acodem em primeiro lugar à memória.

Com o incremento do programa da Amazônia, os recursos materiais tornavam-se cada vez menos adequados à manutenção do nível das pesquisas, apesar da contribuição do governo do Pará. O Instituto Oswaldo Cruz não recebia do governo federal o apoio financeiro de outros tempos. Esse tipo de trabalho, cuja eficiência exige grande flexibilidade de organização e, se possível, nenhum entrave burocrático, era praticamente impossível no regime de Manguinhos. Antes ele era sustentado pelas verbas próprias oriundas da exploração de produtos biológicos, principalmente a vacina contra a manqueira, carbúnculo sintomático dos bovinos e eqüinos, desenvolvida por pesquisadores de Manguinhos que cederam sua patente ao Instituto. Essa vacina era tão eficaz que sua produção estava sempre comprometida antecipadamente com os grandes centros pecuários nacionais e internacionais. Uma providência de alto alcance do Estado Novo foi proibir sua fabricação pelo Instituto, por se tratar de produto veterinário que não devia desviar as atenções de uma instituição dedicada à saúde humana. Veio então o tempo em que o pesquisador de Manguinhos tinha de custear de seu bolso qualquer viagem de serviço, certo de que o pagamento ser-lhe-ia feito um dia, quando fosse dado o despacho final em um processo que percorria os canais competentes do Ministério em um prazo que, no meu caso, várias vezes demorou quase um ano. Foi então que Evandro apelou para o sentimento mecênico de Guilherme Guinle, a quem tanto devem a ciência e a arte brasileiras. A verba Guinle, que se bem me recordo importava em 240 contos de réis anuais, garantia o bom funcionamento dos programas dirigidos por Evandro, que ainda ajudava a Divisão de Zoologia Médica, de Lauro Travassos, e o Laboratório de Hematologia, de Walter Oswaldo Cruz. Eu mesmo iniciei-me em Manguinhos recebendo pela verba Guinle.

Contando com a relativa autonomia financeira proporcionada pela verba Guinle, Evandro criou por conta própria o Serviço de Estudo das Grandes Endemias (SEGE) e partiu para um programa de maior vulto. No Ceará e no Rio Grande do Norte fez observações, em junho de 1938, sobre o surto epidêmico de malária transmitida pelo *Anopheles gambiae*, o mosquito africano que, confirmando a previsão de Adolpho Lutz, invadira o Nordeste do país. Escolheu o município cearense de Russas para estudos mais detalhados, a serem feitos por Leônidas

Deane. A epidemia atingira praticamente toda a população de Russas e de outras localidades dos dois Estados e nenhuma providência tinha sido até então adotada pelo governo federal. Chamou a atenção para o fato de que a invasão de extensas áreas do Nordeste pelo *Anopheles gambiae* constituía ameaça muito séria para o resto do país e mesmo para a América do Sul. Caminhando na direção dos ventos predominantes na região, poderia o anófele alcançar os vales do Parnaíba e do Amazonas, tornando-se então impossível sua extinção. Chegado à região do Crato, de onde se aproximava, seria facilmente transportado ao Vale do São Francisco. E concluiu: “Neste momento se acha limitado ainda a uma área onde a erradicação será possível e onde o controle é perfeitamente praticável”. Estendeu sua viagem à Paraíba e a Pernambuco, fazendo observações interessantes sobre a malária nas áreas percorridas. Não tendo condições nem mandato para fazer campanhas de controle ou profilaxia, procurava o SEGE estudar a biologia do transmissor e do parasito e os fatos relacionados à transmissão. Quando se estabeleceu a campanha de erradicação do *Anopheles gambiae*, os estudos iam adiantados, valiosas observações se acumulavam. Em uma visita ao laboratório, depois de elogiar o belo trabalho que estava sendo feito por Leônidas Deane, o Dr. Fred Soper, superintendente da campanha, sentindo que para trazer-lhe dores de cabeça já bastavam os mosquitos de fora do laboratório, pegou uma bomba de Flit e pulverizou o insetário.

Ainda no afã de ampliar o escopo do SEGE, Evandro visitou Pernambuco em novembro de 1938 para um levantamento de dados que permitissem formular planos para um estudo sistematizado da esquistossomose no Brasil. Foram colhidos caramujos nas zonas percorridas, verificados os índices de infecção por cercárias do esquistossomo, observadas as condições dos criadouros, examinadas fezes humanas para identificação dos eliminadores de ovos, colhidos dados em coletividades e hospitais, e observados casos clínicos. A partir daí discutiu com o grupo do professor Aggeu Magalhães, catedrático de Anatomia Patológica da Universidade e diretor do Serviço de Verificação de Óbitos, um programa de pesquisas a ser iniciado em Pernambuco e depois estendido a todo o Nordeste. A meta seria a criação de uma Comissão de Estudos de Patologia Experimental do Nordeste, que foi efetivada, e a esperança era a de um instituto para a região. A idéia foi apoiada pelo interventor federal Agamennon Magalhães (irmão de Aggeu Magalhães), e os trabalhos desenvolveram-se durante o ano de 1939. Os resultados, compreendendo investigações epidemiológicas em duas localidades, estudos histopatológicos de material humano e estudos clínicos e anatomopatológicos de casos de esplenopatia, foram publicados em 1940. Infelizmente, por motivos alheios às vontades de todos os participantes, esse programa não teve prosseguimento. Constituiu, entretanto, a primeira tentativa de estudo integrado e sistematizado da esquistossomose no Brasil.

Outros aspectos da atividade de Evandro Chagas nesse período febril de sua carreira não serão agora lembrados. Esse era o Evandro semeador da boa semente, capaz de arrostar sacrifícios físicos e materiais na determinação de bem servir este país no âmbito de sua competência. Muito teria a dizer do Evandro amigo dos homens,

que valorizava ao extremo as amizades e cuja bondade sem sentimentalismos comovia-se ante o sofrimento alheio. Contarei apenas uma estória.

Cinco horas da tarde era o fim do dia de trabalho para quem não ficava além da hora no hospital de Manguinhos. O carro que levava parte do pessoal para a cidade, apelidado “o venenoso”, saía a essa hora e não era justo atrasar quem queria cumprir o horário. Justamente às cinco horas dessa tarde chega um doente em estado de coma malárico. Evandro convidou-me para com ele instalar o tratamento pela quinina em gota a gota venoso e despediu o pessoal. Depois de estar certo de que tudo estava bem, levou-me no seu carro para a cidade. No caminho propôs-me tomarmos uns drinques no bar do Hotel Itajubá, na Cinelândia, em edifício conjugado ao antigo Ministério da Saúde. Ali chegamos pelas 6 horas e ele foi direto ao telefone. Notei que estava nervoso, mais por minha intuição que por seus sinais exteriores. De meia em meia hora telefonava para o Ministério perguntando qualquer coisa, e para a casa justificando a demora para o jantar. Um de seus amigos diletos, de grandes qualidades intelectuais, morais e profissionais, tinha o defeito de ser confiante em excesso. Dirigindo uma Circunscrição do Ministério da Saúde viajava freqüentemente a serviço e deixava cheques assinados em poder de seu chefe de administração, que um dia desapareceu com avultada quantia. Originou-se daí um processo responsabilizando o amigo de Evandro por peculato. O processo chegara ao fim e estava pronto para assinatura do Presidente Getúlio Vargas, com demissão a bem do serviço público. Não era possível que isso acontecesse. De meia em meia hora um telefonema. De quando em quando uma dose de *scotch*. Eu sentia que o nervosismo aumentava. Eram já 10 horas da noite e o ministro Gustavo Capanema não deixava o gabinete. Para distrair, eu tinha proposto disputarmos num joguinho de dados o pagamento da despesa. Daí a pouco chega outro amigo dos mais diletos, pede seu *scotch* e deseja entrar na disputa. Observamos que a nossa conta não estava nada barata, mas ele insistiu. Mais um pouco, e chega o mensageiro com um envelopão. O amigo muito dileto perdeu nos dados: tinha tomado apenas dois uísques e pagou toda a conta.

Quem passasse daí a meia hora a certa altura da praia do Leblon julgaria que três adeptos de Iemanjá atiravam flores ao mar. Eram os amigos de um injustiçado que faziam outra espécie de oferenda, devolvendo aos deuses da treva outras flores: as flores do mal. Para Evandro, que morreu meses depois, o amigo foi salvo. Mas os que viveram sabem que o processo foi refeito e teve o desfecho que aquela noite apenas retardou.

Em 1940 a Semana da Asa foi comemorada no princípio de novembro. Encerrou-se no dia 8 com um grande almoço de confraternização findo o qual não haveria mais vôos comemorativos. Evandro aprestava-se para sair do hospital de Manguinhos a fim de alcançar a tempo o avião da VASP para São Paulo. Estava de viagem marcada para o Ceará, onde tinha interesse nos trabalhos contra o *Anopheles gambiae*, e depois para Belém, onde o esperávamos para o encerramento do curso de Malariologia e para seus afazeres habituais. Mas antes tinha de atender aos apelos

do coração, e passaria em São Paulo para ver sua filha, a adorada Tatiana. Um dos pilotos civis que terminara o almoço com excessiva dose de alegria tomou seu pequeno aparelho e saiu a voar para o lado do mar, em zona reservada às rotas comerciais. O avião da VASP tomava rumo sobre a baía de Botafogo e não pôde evitar a colisão. Foi um desastre sem sobreviventes.

Desapareceu Evandro Chagas, mas sua obra aí está. O SEGE, na primeira reforma administrativa depois de sua morte, foi oficialmente reconhecido como a Divisão de Estudo de Endemias do Instituto Oswaldo Cruz. Outras reformas vieram, as seções e os laboratórios que compunham a Divisão tiveram sua estrutura alterada e sua localização modificada em nome do progresso organizacional, mas o espírito que animou o primitivo SEGE transbordou de Manguinhos para outros ambientes, corporificando-se em um Departamento Nacional de Endemias Rurais com seus Centros de Pesquisa no Recife, em Salvador e em Belo Horizonte, que hoje gravitam na órbita de Manguinhos.

Evandro Chagas viveu apenas 35 anos, deixando uma obra desproporcional à sua curta vida. A Sociedade Brasileira de Parasitologia, neste sexagésimo quinto ano de seu prematuro desaparecimento, sente-se honrada em cultivar sua memória dedicando-lhe este Congresso.

Professor doutor Wladimir Lobato Paraense
Sócio Honorário da Sociedade Brasileira de Parasitologia